

16

MAR 12

## QUOTIDIANO

Por sociodialetica, às 07:08 | [comentar](#)

Quem não tacteie entre perfumes  
o alento da flor que desabrocha  
nunca abriu os olhos para o estio,  
calor solar e estrelas distantes.  
Casmurramente enfiado na caverna platónica:  
sorri para as sombras  
assumindo a mancha como arco-íris.  
Agarrado ao quotidiano fetichizado  
empunha punhal baço  
vivendo em caixões de ignomínia.

Respeito-o.  
É meu irmão  
parido da exploração  
enterrado no esquecimento.  
Respeito-o, mas não digam - «fica».  
Não me lancem a teia artesanal  
do sorriso cadavérico  
insulto e calúnia.  
Não serei carvão ou tocha da loucura consentida.  
A ti irmão, ou talvez não,  
com olhar de perfídia e inveja  
odeio-te.  
Odeio-te tanto quanto amo o amanhã  
o belo em liberdade renascida  
o amor de cada flor  
a coragem de cada homem  
    que sabe  
    que quer  
    que luta, luta e lutará.  
Amo a sociedade da poesia meiga  
com maresia atlântica em serranias agrestes e  
luz áurea em planícies distantes,  
com o cheiro do suor e  
do futuro.

**Email**